

Uma perspectiva kleiniana sobre a transferência

Denise Maria Nunes Alencar¹, Recife

RESUMO: Melanie Klein foi a primeira freudiana extremamente criativa que ultrapassou Freud porque criou, a partir dos ensinamentos do mestre, uma nova forma de entender o aparelho psíquico e, assim, um novo jeito de estar com o analisando. Este trabalho, portanto, baseia-se na perspectiva kleiniana para discorrer sobre o fenômeno da transferência na clínica psicanalítica. Para isso, a autora dividiu o artigo em três partes: a primeira contextualiza o fenômeno transferencial em Freud e faz o balanceamento com Klein; a segunda traz leituras de vinhetas clínicas de algumas sessões com uma menina de 5 anos. E a última conclui seu pensamento acerca da perspectiva kleiniana sobre a transferência.

PALAVRAS-CHAVE: transferência, Freud, Klein, clínica psicanalítica

*Antes de ser um problema clínico, a transferência
é uma exigência do amor humano.*

(Rocha, 1995, p. 209)

1. O início da transferência na psicanálise

A questão da transferência vai além da relação psicanalítica e foi estudada muito antes de Freud ter escrito sobre o fenômeno transferencial. A terapia do sonambulismo artificial de Puysegur (1751-1825), por exemplo,

1. Psicóloga, Membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica do Recife.

apontava para a relação magnetizador-magnetizado como principal fator de cura; James Braid, que cunhou o termo hipnotismo, acreditava na sugestão dirigida do hipnotizador para o hipnotizado, como meio de tratamento e cura. Já Bernheim, fundador da Escola de Nancy, abandonou a hipnose por perceber que os mesmos efeitos da hipnose podiam ser obtidos pela sugestão em estado de vigília. Charcot também usou a hipnose como método terapêutico, mas acreditava, ao contrário de Bernheim, que os sintomas histéricos não eram de origem orgânica, embora não se interessasse por suas causas psíquicas.

Apesar de ter aprendido os primeiros passos do método hipnótico com Charcot, Freud abandonou a hipnose quando a paciente Emmy von N pediu-lhe para que a deixasse falar. A fala em primeira pessoa da paciente foi revolucionária para o tratamento analítico, pois o analista começa a sair de uma postura de suposto saber para uma posição de um outro que provoca a transferência de maneira mais fluida que a posição do médico que hipnotiza e sugere, como se de tudo soubesse.

Em “A interpretação dos sonhos” (1901/2019), Freud utiliza o termo transferência de modo bem generalizado, como ideia de um deslocamento, mas é no artigo “Estudos sobre a histeria” (Freud, 1895/1990) que o autor da psicanálise começa a desenhar a ideia da transferência como obstáculo ao tratamento analítico.

Um pouco mais adiante, no caso Dora, a transferência começou a ser pensada como conceito da psicanálise, pois a analisanda abandonou o tratamento porque, segundo Freud, ele não havia percebido que, na transferência, ele estava no lugar da Sra. K. Não se dando por vencido, o pai da psicanálise aprende, com a atuação de Dora, que a transferência é um fenômeno clínico inevitável e que: “A transferência, destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente” (Freud, 1905/1996, p. 112).

Só em 1912, Freud publicou o texto “A dinâmica da transferência” (1912/1996), em que ressalta a força do inconsciente nos fenômenos

transferenciais e desdobra a transferência em positiva e negativa. Dois anos depois, no texto “Recordar, repetir e perlaborar” (1914/2021), a transferência ganha o estatuto de uma repetição como recordação em ato: “a transferência, ela própria, é apenas uma parcela de repetição, e que a repetição é a transferência do passado esquecido não apenas para o médico, mas para todos os outros aspectos da situação presente” (Freud, 1914/2021, p. 155).

Se no texto de 1914 Freud afirma que a compulsão à repetição produz novos sentidos mediante ao trabalho do analista, no artigo “Além do princípio do prazer” (1920/1996) ele defende que essa mesma compulsão tem um efeito tanático. Nesse sentido, foi apontado em trabalho anterior:

Na vida e na clínica, a pulsão de morte grita por meio da compulsão à repetição, a fim de ser escutada, criando a possibilidade de alguma malha representacional capturá-la. Uma vez capturada, e pela mediação do analista, a pulsão de morte pode vir a ser a provocadora da integração do que foi traumático. Assim, os traumas ainda não simbolizados alcançam a chance de uma simbolização, o que era sentido como angústia passa a ser parcialmente conhecido como símbolo, ganhando palavras para nomeá-lo (Alencar, 2020a, p. 66).

Leia-se “mediação do analista” como o manejo da situação transferencial, por exemplo. O texto “Psicologia das massas e análise do ego” (1921/2011) corrobora com a visão da transferência como repetição, só que com uma pequena nuance: “agora a transferência na situação analítica passa a ser vista como a colocação em ato – como atualização de identificações” (Minerbo, 2020, p. 82). Apesar de Freud não ter se dedicado tanto ao tema, abre caminho para os pós-freudianos realizarem essa tarefa.

2. Transferência em Klein

O criador da psicanálise parece ter focado numa psicanálise intrasubjetiva, mesmo considerando a relação analista-analisando, Freud parecia focar no inconsciente do analisando. Seus seguidores, entretanto, expandiram seu conhecimento, passando a estarem mais atentos ao que acontecia no encontro analítico, independente da vontade dos envolvidos. Apesar da questão intrasubjetiva do analisando ainda ser considerada, a atenção voltou-se para a relação intersubjetiva, o que acontecia entre as mentes do analista e do analisando.

Isso posto, podemos pensar que, assim como Freud considerava o sonho como a via régia para o inconsciente, as relações transferenciais tornaram-se, ao lado do sonho, uma importante via para o inconsciente e, consequentemente, para os sintomas. A interpretação dos sonhos “ganhou ainda mais importância na medida em que se tornou o principal auxiliar para iluminar nossa compreensão da transferência” (Barros, 1991, p. 126).

Dentre os pós-freudianos, iremos nos deter em Melanie Klein por entender que, baseada nos ensinamentos de Freud e na própria clínica, a psicanalista foi a primeira pós-freudiana a criar uma teoria da mente que se diferencia da teoria original de Freud. Enquanto o aparelho psíquico do mestre vienense era sobretudo pulsional e no qual os conflitos eram resultantes da guerra que havia entre as pulsões que procuram descarregar e as forças que se opõem a essa descarga, o aparelho psíquico kleiniano assume uma perspectiva diferente: “os fatores decisivos para o desenvolvimento mental são as emoções humanas e as fantasias que as exprimem, com suas duas grandes tendências, o amor e o ódio” (Bleichmar & Bleichmar, 1992, p. 115).

Por que é importante saber como o aparelho psíquico, segundo Klein, funciona? Porque, em linhas gerais, para a psicanalista, a transferência nasce quando nascem as nossas primeiras relações de objeto, lá no início da vida, quando o aparelho mental ainda está sendo formado. Por isso, o ser humano leva as marcas dessas relações para aqueles que encontram ao longo do caminho. Portanto, tornar-se emocionalmente mais maduro, agindo de forma mais criativa e amorosa, em lugar de tomar o modelo das

primeiras relações como destino, é o desafio diário não só de um processo analítico, mas da nossa existência.

No único texto que Melanie escreveu sobre o tema, *As origens da transferência* (1952), deixa claro que os fenômenos transferenciais acontecem desde o início de vida, nos primórdios da relação de objeto (contemporâneos do autoerotismo e do narcisismo). Portanto, se o analista quiser trabalhar bem a transferência numa análise, tem que considerá-la como uma situação total, pois a ideia é que o que está sendo transferido são os objetos internos do sujeito e não partes deles. Compreender como esses objetos foram constituídos ao longo da vida fazem parte de uma escuta sensível e refinada por parte do analista.

Klein destaca que o campo de investigação do analista deve se localizar entre a situação do aqui e agora da sessão e as primeiras experiências de vida do analisando. Tudo é transferido nas sessões: emoções, defesas, maneiras de se relacionar com o objeto, por isso tudo o que o analisando traz para a sessão pode ser material de transferência: desde falas expressando grande sofrimento até descrições da vida cotidiana. Mesmo a transferência sendo uma situação total, Klein fala de sua concepção de transferência “como algo enraizado nas camadas profundas do inconsciente, é muito mais ampla e envolve uma técnica através da qual os elementos inconscientes da transferência são deduzidos a partir da totalidade do material apresentado” (1952/1991, p. 78).

À medida que a análise progride, abre caminho dentro do inconsciente do paciente, o passado vai sendo revivido e a tendência é que os mesmos mecanismos que são usados na relação analítica foram usados em situações anteriores. O paciente começa a transferir todas as emoções suscitadas para o psicanalista.

Com base no desenvolvimento da relação analítica, o que é deduzido da totalidade do material depende muito do que o discurso verbal e não verbal do paciente ecoa no analista. Sobre essa nuance da técnica, Beth Joseph coloca: “Muito da nossa compreensão da transferência surge através da nossa compreensão de como nossos pacientes agem sobre nós

para que sintamos coisas pelos mais variados motivos” (1985/1990, p. 77).

Para ilustrar o que está sendo dito, trago recortes de alguns atendimentos com Maria, criança de 5 anos, que foi encaminhada pela escola porque estava arredia e fazia pequenos furtos de material de papelaria da escola e dos colegas. Maria foi filha única até os três anos, quando sua irmã mais nova nasceu. A mãe parou de trabalhar assim que Maria nasceu e só voltou a trabalhar quatro anos depois. Mariana, mãe de Maria, parecia uma mulher viva, dedicada às filhas e com uma preocupação genuína com Maria. “Ela era outra criança. A irmã nasceu, ela teve ciúmes, mas a gente sempre tentava apaziguar. Depois de um tempo, voltei a trabalhar e ela começou a mentir, a tirar coisas do meu trabalho e dizer que não foi ela, muito arredia com a irmã, que é louca por ela, aí a escola me chamou pra dizer que ela também está fazendo isso na escola”. Detalhe: a mãe trabalha com enxoval de bebês, então leva muito retalho e materiais de papelaria para casa, além de ser uma mulher com muita habilidade para trabalhos manuais.

Maria vem para as sessões com muita resistência, com uma angústia de separação considerável. A analista permitiu a entrada da mãe nas primeiras sessões até Maria conseguir entrar sozinha. Os desenhos da menina eram de uma riqueza de detalhes e cores, demonstrando um rico mundo interno, além de habilidades manuais, como a mãe. No entanto, ela destruía os desenhos, passando tinta preta por cima ou os rasgava, dizendo: “ah, mas isso não presta, vou acabar com isso aqui”. No início, apenas descrevia o que estava fazendo: “eita, tava tudo tão lindo, até que veio essa tinta horrorosa e hrumm, destruiu tudo!”.

Esse movimento se repetiu por semanas. A sensação que causava na analista era de tristeza, raiva muitas vezes. Nas primeiras vezes, a sensação era de frustração porque ela destruía os desenhos que eram realmente lindos. Até que um dia foi pontuado: “Tava tudo tão lindo, aí aconteceu alguma coisa, veio essa tinta horrorosa e destruiu tudo!”. Ela olhou meio assustada, o que deu a deixa pra eu continuar: “Aí veio Marina (a irmã mais nova) e destruiu tudo!”. Maria foi para o canto da sala e se encolheu.

Eu disse: “Olha, é muito difícil quando a irmã nasce, porque aí a mamãe tem que dar atenção a ela também, não fica mais direto com a filha mais velha! Mas, olha, sabia que você pode sentir raiva e falar da raiva aqui? Também dá uma saudade quando a mamãe sai, vai trabalhar e passa o dia fora! O bom é que, no fim do dia, a mamãe sempre volta!” Maria parecia desconfiada e até um pouco assustada com o que estava ouvindo. Então, levantou-se, saiu girando e gritando: “Eu sou um furacão e buuummmm”, acocora-se e diz: “Pronto. Fim da sessão”. O pior é que já estava mesmo no fim. Respondo: “Aí veio esse furacão e tirou tudo do lugar! Tem nada não, mas eu tô te esperando aqui na próxima semana no seu horário, viu?”.

Na sessão seguinte, na recepção, a mãe disse que Maria tinha uma coisa para dar. A criança jogou a borracha dentro da sala e diz que não quer entrar. A analista entendeu que a criança pode ter ficado com vergonha e disse: “Ah, acho que queria levar um pouquinho de mim e do seu espaço aqui com você, mas, olha, não tem problema, a gente pode falar sobre isso e você me conta porque não pediu para levar a borracha!”. Ela respondeu: “Porque você não ia deixar”.

Maria estava vivendo, nas sessões com a analista, as fantasias inconscientes de abandono, tristeza, dor e solidão demonstradas via raiva e destruição. O trabalho com ela durou cerca de um ano, até seus pais decidirem tirá-la porque, segundo eles, a filha já estava bem melhor. De fato, a melhora de Maria foi gritante, mas, na opinião da analista, precisaria de mais tempo para solidificar a mudança.

A sensação que me dava era que Maria precisava mostrar como estava se sentindo, provocando muitas vezes na analista, o caos das suas sensações e de seus sentimentos; a ambivalência entre amor/ódio em relação aos objetos externos/internos. Com a análise, a pequena analisanda teve a oportunidade de ir elaborando seus sentimentos hostis e dolorosos por meio da interpretação e do manejo da transferência com a analista.

A chegada de um irmão é uma situação que suscita muito ciúme e inveja. As sessões com Maria foram recheadas de projeções de sua raiva e agressividade por fantasiar que a irmã havia lhe roubado a mãe, o que

naturalmente foi vivenciado na sua relação com a analista também.

Klein ensina que os impulsos destrutivos dirigidos contra o objeto incitam o medo da retaliação, sentimento típico dos primeiros dias de vida e intensificado pelas frustrações do mundo externo. Maria provavelmente estava lidando com sua raiva dos objetos externos – irmã e trabalho da mãe – vividos como objetos internos, ora maus e persecutórios, ora bons. Quando a posição esquizoparanóide era predominante, o medo da retaliação imperava. Parecia que a criança estava vivendo a velha ambivalência entre amor/ódio e a dolorosa culpa provocada por essa ambivalência.

Lembrando que, ao contrário de Freud, Klein

não concebe a existência de uma pulsão desligada de um objeto. O representante mental da pulsão associada ao objeto é a fantasia inconsciente. Em consequência, os impulsos, defesas e emoções são representados e vivenciados inconscientemente sob a forma de fantasias (Barros, 1991, p. 132).

As fantasias têm relevância na teoria kleiniana e a interpretação delas, na transferência, condizem com uma técnica que evoca o analista a se posicionar como parte integrante da relação, exigindo a presença de uma analista mais implicada, como afirma Figueiredo (2008). Então, nos atendimentos de Maria, a analista precisava estar atenta não só a ela, mas também ao que suas ações provocavam na analista para, assim, conseguir interpretar e manejar a transferência e ajudá-la. Por isso, ouvindo a frustração por ela destruir os desenhos, a analista pôde entender como se sentia triste, frustrada e roubada primeiro com o nascimento da irmã, depois com a volta da mãe ao trabalho.

Nas palavras de Klein, “na mente do bebê, quando ele está frustrado (ou insatisfeito devido a causas internas), sua frustração se casa com o sentimento de que um outro objeto (logo representado pelo pai) recebe da mãe a ambicionada gratificação e o amor negados a ele naquele momento”

(1952/1991, p. 78). Quando um irmão nasce, esses sentimentos se reatualizam agora com a figura do irmão, de forma distorcida por causa das projeções e idealizações, gerando sentimentos mortíferos de ciúme e inveja. A hostilidade muitas vezes tem a função de neutralizar esses sentimentos que podem ser vividos de forma bastante intensa e destrutiva.

Por isso, nas sessões, era preciso muito mais do que compreender e interpretar as fantasias inconscientes simbolizadas pelo brincar. Era necessário sobreviver aos ataques de hostilidade intensa. A sobrevivência da analista provava a Maria que ela poderia sentir raiva, pois esse sentimento não a destruía, do mesmo jeito que não iria destruir ninguém. A raiva era simbolizada pela transformação de seus desenhos em manchas escuras, sem formas, sem jeito. Manchas que simbolizavam as emoções e os sentimentos difíceis para Maria lidar.

3. Últimas palavras

Enquanto Freud pensava a transferência como “retorno do recalçado ... como o encontro entre o passado e o presente do paciente, em que experiências psíquicas prévias e recalçadas são revividas com a pessoa do analista” (Alencar, 2020b, p. 108), demonstrando uma psicanálise intrapsíquica, que baseava suas interpretações no conteúdo verbal trazido pelo analisando, na minha opinião, a maior contribuição de Klein foi expandir a forma de entender a transferência, posicionando-a como uma situação total, em que algo sempre está acontecendo, por isso é preciso estar atento ao que o paciente fala, ao que ele faz e ao que evoca no analista:

Por muitos anos – e até certo ponto isso é verdade ainda hoje – a transferência foi compreendida em termos de referências diretas ao analista no material do paciente. Minha concepção da transferência como algo enraizado nos estágios mais iniciais do desenvolvimento e nas camadas profundas do inconsciente é muito mais ampla e envolve uma técnica através da qual os

elementos inconscientes da transferência são deduzidos a partir da totalidade do material apresentado (Klein, 1952/1991, p. 78).

Melanie Klein diz que as reações transferenciais do analisando remetem ao mesmo modo de reagir do início da vida emocional, lá nas suas primeiras relações de objeto, quando o ego ainda está desintegrado. Interessante que a psicanalista nos afirma que um critério de saúde psíquica é quando o ego bom e o ego mau estão mais integrados. “O enfraquecimento do ego causado por uma identificação projetiva excessiva torna-o menos capacitado a assimilar os objetos internos” (Cintra & Figueiredo, 2004, p. 119), como se o ego ficasse enfraquecido, quase que esvaziado.

A teoria kleiniana parece abrir espaço para uma psicanálise relacional em que a compreensão do uso das identificações projetivas é essencial para o entendimento psíquico do analisando. Bion (1955) enfatiza que a identificação projetiva é uma forma de comunicar os aspectos primitivos da mente, então, faz-se necessário deixar-se ser afetado por ela a fim de que haja uma compreensão genuína do sofrimento e do modo de ser do analisando.

Freud já falava da relação de confiança que precisa haver entre analista e analisando. Em linguagem kleiniana, poderíamos dizer que um bom vínculo com o analista permite que os medos persecutórios sejam interpretados e manejados a fim de que diminuam paulatinamente e o analisando se utilize menos da cisão e da projeção. Com a diminuição do uso desses mecanismos, o ego tem a possibilidade de se integrar cada vez mais, construindo força e coesão, pois não tem que cindir e pôr para fora (projetar) aquilo que o incomoda.

Para a autora, as angústias arcaicas, a culpa e as fantasias inconscientes não se traduzem no campo da linguagem, mas no campo pré-verbal de projeções jogadas para dentro do analista. É a angústia do analisando que guia todo o processo analítico, premissa que não pode ser esquecida. “Pode-se dizer que a análise kleiniana é guiada ou mesmo atraída pelas ansiedades e culpas do paciente, e que o analista se move orientado por uma espécie

de sensor de angústias, apto a captá-las em seus pontos de eclosão, mesmo quando ainda estão lactentes”. (Cintra & Figueiredo, 2004, p. 174)

Figueiredo diz que essa postura analítica, de ser guiada pela angústia, é postura de uma análise kleiniana, por outro lado, pode-se pensar diferente. Pode-se pensar que Klein, baseada na teoria freudiana, foi além de Freud ao defender que a transferência poderia ser trabalhada na análise de crianças muito pequenas, o que acarretou um estilo diferente de atendimento. No entanto, a angústia do analisando guia qualquer analista, kleiniano ou não.

Por essa razão, é imprescindível que o analista faça uso da sua sensibilidade e por que não dizer da intuição? Intuição guiada pelo arcabouço teórico e, principalmente, pelo trabalho pessoal do analista. O analista precisa refinar sua escuta através dos estudos intermináveis, das trocas com os colegas, mas principalmente através da sua análise pessoal, pois uma análise implica uma forte presença sensível dos analistas nos processos dos seus analisandos (Alencar, 2020b).

Tendo essa ideia em mente, é possível pensar que a mudança psíquica construída num processo analítico perpassa pelo uso que se faz da transferência na relação analista-analisando. Nesse sentido, Klein contribui de forma singular para uma psicanálise pós-freudiana com a característica de um analista mais implicado na relação com o analisando, não mais buscando interpretações inteligentes e engenhosas a fim de confirmar uma teoria.

Porém, ao ler os casos clínicos de Klein, vê-se interpretações na “carne crua”, que poderiam até ser consideradas grosseiras. Como uma nova forma tão delicada de estar com o paciente pôde vir de uma analista que interpretava a transferência de forma tão crua e por que não dizer tão cruel? Essa questão talvez abra oportunidades para a escrita de outros textos, mas, por enquanto, pode-se acreditar que, como pioneira de uma nova técnica, Klein fez o que estava a seu alcance e da melhor forma que pôde. Não dá pra esquecer que a teoria e a técnica psicanalítica são como um bom vinho: melhoram com o tempo. A tendência é que a forma de

trabalhar seja burilada e aperfeiçoada por cada analista com cada paciente.

A KLEINIAN PERSPECTIVE ON TRANSFERENCE

ABSTRACT: Melanie Klein was the first extremely creative Freudian who surpassed Freud because she created, based on the master's teachings, a new way of understanding the psychic apparatus and, thus, a new way of being with the analysand. This work, therefore, is based on the Kleinian perspective to discuss the phenomenon of transference in the psychoanalytic clinic. For this, the author divided the article into three parts: the first contextualizes the transference phenomenon in Freud and balances it with Klein; the second brings readings of clinical vignettes of some sessions with a 5-year-old girl. And the last one concludes her thought about the Kleinian perspective on transference.

KEYWORDS: transference, Freud, Klein, psychoanalytic clinic.

UNA PERSPECTIVA KLEINIANA SOBRE LA TRANSFERENCIA

RESUMEN: Melanie Klein fue la primera freudiana extremadamente creativa que superó a Freud porque creó, a partir de las enseñanzas del maestro, una nueva forma de entender el aparato psíquico y, por tanto, una nueva forma de estar con el analizando. Este artículo, por lo tanto, se basa en la perspectiva kleiniana para discutir el fenómeno de la transferencia en la clínica psicoanalítica. Así, la autora dividió el artículo en tres partes: la primera contextualiza el fenómeno de la transferencia en Freud y lo equilibra con Klein; el segundo trae lecturas de viñetas clínicas de sesiones con una niña de 5 años. Y el último concluye su reflexión sobre la perspectiva kleiniana de la transferencia.

PALABRAS CLAVE: transferencia, Freud, Klein, clínica psicoanalítica.

REFERÊNCIAS:

- Alencar, D. M. N. (2020a). O que há além do princípio do prazer? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(1), 61-68.
- Alencar, D. M. N. (2020b). Do que a psicanálise freudiana não abre mão? *Psicanálise em Revista*, 12(1), 101-112.
- Barros, E. M. R. (1991). O conceito de transferência: uma síntese do ponto de vista kleiniano. In E. M. R Barros et al., *Transferências*. Escuta.
- Bleichmar, N. M. & Bleichmar, C. L. (1992). Melanie Klein: discussão e comentários. In N. M. Bleichmar & C. L. Bleichmar, *A psicanálise depois de Freud: teoria e clínica* (F. Settineri, Trad.). Artmed.
- Bion, W. R. (1955). Language and the Squizophrenic. In M. Klein, P. Heimann & R. Money-Kyrle, *New Directions in Psycho-Analysis*. Tavistock.
- Cintra, E. M. de U. & Figueiredo, L. C. (2004). *Melanie Klein: estilo e pensamento*. Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2008). Presença, implicação e reserva. In L. C. Figueiredo & N. Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise*. Escuta.
- Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 18, pp. 13-85). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (1996b). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 131-143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996c). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 2, pp. 39-318). Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996d) Fragmento da análise de um caso de histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, p. 112). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2019). *A interpretação dos sonhos*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2021). Recordar, repetir e perlaborar. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (C. Dombusch, Trad., Vol. 6, pp. 151-164). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1914)
- Joseph, B. (1990). Transferência: a situação total. In E. B. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje* (Vol. 2, pp. 76-88). Imago. (Trabalho original publicado em 1985)
- Klein, M. (1991). As origens da transferência. In M. Klein, *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Minerbo, M. (2020). *Transferência e contratransferência*. Blucher
- Rocha. Z. (1995). *Freud: aproximações*. Ed. Universitária da UFPE. 1995.

dmnalencar@gmail.com